
CORREIO DA LIBERDADE.

Unum debet esse omnibus propositum, ut eadem sit utilitas uniuscujusque et universorum.

Cic. de Off. Lib. 1.

Subscreve se a 4000 reis por semestre, sahirá todas as quartas feiras, e sabbados de cada semana: folhas avulsas a 80 reis cada huma na Typ. de este Periódico, já indicada: e na rua da Praia em casa do Sr. Joaquim de Sousa, N. 77.

PORTO ALEGRE NA TIPOGRAPHIA DO CORREIO DA LIBERDADE.
RUA DE BRAGANÇA N. 5.

ARTIGOS DE OFFICIOS.

PARA dar cumprimento ao disposto no Aviso de 15 de Abril proximo passado, expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, pelo qual se exigem convenientes informações que declarem as circumstancias e serviços dos Empregados da extincta Intendencia, despedidos do exercicio dos seus empregos pelo Presidente José Carlos Pereira de Almeida Torres; cumpre que V. S. faça presente a Junta da Fazenda este meu officio, para que ella delibere e se me submettem com urgencia as respectivas informações, com declaração da antiguidade e serviços dos ditos Empregados, a fim de satisfazer ao referido Aviso, e responder sobre os mais artigos nelle comprehendidos. Deos Guarde a V. S. Porto Alegre 30 de Maio de 1831. — *Americo Cabral de Mello*, Vice-Presidente. — *Sr. Joaquim Manoel de Azevedo*.

— Illm. e Ex. Sr. — Achando eu que nas actuaes circumstancias se nomêe hum Commandante para a Fronteira do Rio Grande, que reuna em si as qualidades que para tal fim se devem exigir, como he a confiança pública, actividade, e prestimo Militar: e concorrendo na pessoa do Coronel do Estado Maior do Exercito, Bento Gonçalves da Silva, todos

estes requisitos, assim o levo ao conhecimento de V. Ex. a fim de que achando justa esta minha lembrança se sirva dizer-me se se pode effectuar semelhante nomeação. Deos Guarde a V. Ex. Quartel em Porto Alegre 25 de Maio de 1831. — *Illm. e Exm. Sr. Americo Cabral de Mello*, — *Sebastião Barreto Pereira Pinto*.

— Illm. e Exm. Sr. — Em resposta ao officio de V. Ex. de 25 do corrente mez sobre a nomeação do Coronel Bento Gonçalves da Silva; para Commandante da Fronteira do Rio Grande, cumpre-me dizer a V. Ex., que avista das circumstancias acho conveniente a dita nomeação interinamente, visto o patriotismo, e qualidades que concorrem na pessoa do dito Coronel, tendo-se em vista o disposto no Aviso de 13 de Janeiro de 1829. Deos Guarde a V. Ex. Porto Alegre 26 de Maio de 1831. — *Americo Cabral de Mello*, Vice-Presidente. — *Sr. Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto*.

Continuação do N. 13 pag. 50

Hum Soberano bom e bemfeitor não he aquelle que prodigaliza sem escolha os thesouros do Estado entre a tropa esfaimada de aduladores, que o rodeão; hum Principe clemente não he tão pouco o que

perdoas os atentados commettidos contra seu povo; nem um Monarcha benigno: o que derrama suas graças entre cortesãos e privados sem merito; mas aquelle que recompensa o merito com justiça hum Principe quando he justo, não concede graças ou favores gratuitos; todos os seus beneficios são actos de equidade, com os quaes paga os bens e serviços feitas á sua Nação, em cujo nome, e á custa de quem distribue as dignidades, as penções, e as honras; hum soberano digno de a maior, não he hum homem facil, nem hum bebo, que se deixa guiar cegamente por seus privados, ou ministros: hum Monarcha respeitavel não he o que se distingue com hum etiqueta orgulhosa, com enormes dispendios, com hum luxo desordenado, ou com edificios, e obras sumptuosas. O soberanno verdadeiramente bom he a qualle, que he bom para todo o seu povo, que respeita seus direitos, e que se vale e serve de seus thesauros com economia para excitar o merito e os talentos necesarios á felicidade do estado. Hum Principe elemente para com os culpados, he cruel para a sociedade. Hum antigo dizia que *he perder os bons, o perdoar aos máus*. Hum soberano, que se deixa governar por Cortezãos aduladores, nunca sabe a verdade, e tolera o que se fizer a seus subditos desgraçados. Hum Monarcha orgulhoso, que faz consistir a gloria em hum vão apparato, em ruinosas prodigalidades, em uma magnificencia sem limites, em custosos prazeres, ou em cruéis, e deshumanas conquistas, he hum soberano, cuja pequena alma não conhece a verdadeira gloria, que só a virtude pode conceder. *He muito mais honroso para hum Principe, diz Plinio a Trajano, ser tido na posteridade por bom que por feliz*. Pode ter-se por feliz e ditoso hum Principe, quando seus subditos estão submergidos na miseria? Hum soberanno não pode ser poderoso, e afortunado, senão quando fanda a sua grandeza, e o seu poder na liberdade, e no bem do

seu povo.

A vista da conducta da maior parte dos Principes, podia dizer-se, que o seu estado a nada os obriga: elles não parece que existem no mundo, senão para destrui-lo, eservizá-lo, devorar os povos, ou para viver em continuos prazeres e recreios, sem fazer coisa alguma de utilidade para as Nações. He por ventura reinár, o abandonar as rendas do governo a seus favorecidos, em quanto o que devia governar vive em hum ociosidade ignominiosa, ou se pensa em distrahir seu enfado do desgosto com prazeres, muitas vezes vergonhosos, com festas e funções ramosas, com edificios inúteis, tudo á custa do suor, e das lagrimas de hum povo cansado de trabalho para saciar os vícios e a vaidade de hum Chefe, que nada faz em seu favor? A nescia vaidade pode áter entrada no Coração de hum Monarcha? Hum paixão tão vil e pequena, não deveria ser deterrada de hum alma, verdadeiramente nobre? A verdadeira grandeza dos Reis consiste na felicidade dos povos o seu verdadeiro poder no carinho, e afeição dos mesmos: sua verdadeira riqueza, na riqueza e actividade dos seus subditos: sua verdadeira magnificencia, na abundancia que elles fizerem reinár. Nos corações das Nações he que os Principes devem erigir seus monumentos, muito mais lisonjeiros e dignos de admiração, que esses soberbos edificios feitos á custa da felicidade nacional: as piramides do Egypto, que ainda subsistem, os monumentos de Babilónia, que perecerão, os palacios arruinados dos Tyrannos de Roma, só trazem á memoria a loucura dos que os erigirão: Montaigne diz com muita razão, que *he hum especie de pusillanímidade nos Monarchas, e hum prova de falta de attenção aos deveres do seu estado, trabalhar unicamente em distinguir-se por meio de dispendios enormes, O melhor Rei, e o maior, diz Zoroastro, he aquelle que faz a terra mais fértil*. Os aios e mestres dos Principes,

em vez de mostrar-lhes a gloria na guerra, nas injustas conquistas, em hum fausto brilhante, em frivolos e excessivos dispendios, deverão habitual-os desde a infancia a combater seus caprichos propondo-lhes a conquista dos corações de seus subditos como o objecto, a que devem dirigir-se todos os seus desejos.

Em lugar de fazerem os Principes insensíveis, em vez de ensinar-lhes a desprezar os homens, seus mestres deverião mover sua imaginação com a pintura poderosa das misérias, a que tantos milhões de seus semelhantes estão condemnados, para que elles vivão no luxo, e na ostentação. Os povos e seus Soberanos seriam muito mais felizes, se em lugar de se persuadir a estes que são deuses, ou criaturas de hum ordem superior, se lhes expozesse de continuo, que são homens, e que seu este mesmo povo desprezado, seriam infelizes e miseraveis.

Continuar-se-há.

SANTA CATHARINA.

Por hum carta digna de toda a fe, agora mesmo chegada da Cidade do Deserto, Capital daquella Provincia, fomos instruidos de que na noite de 22 de Abril proximo passado houve ali hum grande commoção, tendo por fim a deposição do Presidente, e Commandante das Armas, o que se conseguiu facilmente, e sem obstaculo da maneira seguinte.

Naquella noite pelas 9 horas, pouco mais ou menos, tendo se reunido nos salões da casa da Camara Municipal todas as pessoas de maior representação daquelle Cidade, para celebrarem os gloriosos successos que proximamente haviam tido lugar na Corte, para cujo festejo tudo se havia preparado com o maior esplendor, que já mais se vira naquella Capital, depois de repetidos por varias vezes e com bastante entusiasmo os vivas asequados ás presentes circunstancias do Brasil, hum extraordinario numero

de militares se aproximou, sem ordem alguma de formatura, os quaes depois de darem vivas á Constituição &c. com toda a força gritavão, mas em tanta confusão, que com difficuldade se entendeo por algumas das pessoas para o festejo rennidas, que entre os muitos foras que se amudavão, erão repetidos os nomes do Presidente, e Commandante das Armas: o Presidente que se achava entre as pessoas reunidas, apparecendo em hum das janellas, exclamava: *eu saio, eu saio*, persuadindo-se talvez, que somente se exigia que elle não assistisse ao festejo: hum 10 minutos durarão os gritos; eis que de improviso o grande grupo corre para os quartéis, e nenhuma duvida ficou de que se irão armar; avista do que o festejo foi desamparado com a maior precipitação, não sem prejuizo dos adornos das senhoras, e tudo se recolheu a suas casas. Logo o Presidente convocou o Conselho para sessão extraordinaria, e poucos momentos depois de reunido, se ouvirão as musicas dos Baralhões em marcha, os quaes com seus Commandantes em frente se postarão em linha defronte de Palacio, debaixo do Commandante em Chefe do Coronel Pinto do 10 de Caçadores, em muito boa ordem. Então o Coronel Joaquim Soares da parte do Presidente se aproximou á Tropa e perguntando-lhe o que pretendia, lhe foi respondido que a dimissão do Presidente Miguel de Sousa, e do Commandante das Armas, Miguel Pereira, devendo aquelle ser substituido pelo Vice-Presidente, e este pelo Coronel Pinto. A vista desta resposta, propoz-se que os Membros do Conselho tentassem reduzir a Tropa á tranquillidade, usando para isso das boas maneiras, que em casos taes se tornão indispensaveis, e assim se resolveo, e executou; porem debalde se lhas fez ver que já estavam nomeados pela Regencia os que devião substituir aquelles, que a Tropa regeitava: novamente principiãõ os foras com a maior vehemencia, nesta extraordinaria gritaria mais que todos

re distinguirão os estrangeiros do extinto de Granadinos, que com toda a força de seus polmões gritavam: *forra, forra*. Voltando pois a malograda Commissão para Palacio, por consenso do Presidente, e decisão do Conselho foi a Tropa certificada de que seria satisfeita no seguinte dia, e com esta certeza se recolheu a quartéis. Assim se cumpriu, e o Presidente e Commandante das Armas embarcaram no dia 23 para a Corte: este ultimo abordo de hum correio, a que na mesma noite se refugiara; ficando em seus lugares os apontados pela Tropa.

Continuar-se ha.

ARTIGO COMMUNICADO.

O Laço Nacional (*) em Porto Alegre já não distingue os Nacionaes dos Estrangeiros, principalmente agora nos ultimos dias, em que parece que só se traz *por moda e não por distincção*. O Francez, o Alemão, o Hespanhol, e o negro cativo trazem Laço Nacional!! Qual será a nossa diviza daqui por diante, se todos lançarem isto ao desprezo, e não tomarem sobre este abozado medidas politicas? Já houve quem visse hum Francez com laço tricolor por baixo, e o Brasileiro por cima: não duvido, que isto seja de algum modo mostrar a estima em que tem a nossa Nação, mas nós de bemgrado lhe devemos agradecer tal offerta; mostre (se quizer) sua estima em outras couzas. Alemães Colonos, (que ainda não forão considerados Cidadãos Brasileiros) tambem trazem Laço Nacional: eu não duvido que elles pertençam de facto á Familia Brasileira,

(*) O Laço Nacional deve constar de campo verde com centro amarello, e não certas garatugens mescladas, que não sabe o que he.

mas não pertencem de direito, e he quanto basta para não trazerem o distinctivo Brasileiro. Repetidas vezes tem apparecido escravos com o distinctivo Brasileiro; talvez seus senhores que tal consentem, sejam iguaes em sentimentos aquelle que na Villa do Rio Grande o pregou nas costellas da cabrita: a esses e outros similhantes homens (e principalmente a hums certos que só deitarão laço Brasileiro depois das noticias do dia 7 de Abril) nós com muita razão diriamos como outrora os da festança da *feliz chegada* aos Fluminenses — *Larga o tópe, que já estás forro* — e com muitissima razão, por quanto esses então cativos de seu amo e senhor hoje se achão libertos pela generosidade dos Brasileiros.

Dizejaria tambem saber a que familia quererão pertencer certos *Estrangeiros de papeletas*. . . daquelles... daquelles... que estando no Brasil ja antes da Independencia, ouzaráo tirar a sardinha com a mão do gato, estrangeirando-se á vontade do Ministro de então: e eu, se me não engano, divizo hoje certo sujeito de *cavalgaduras altas* que em outro tempo fez na Corte muito reboliço para obter *Papeleta de Estrangeiro*, e que hoje tem deixado ver o seu Laço Brasileiro: porem eh! miseria nossa! quando será o Brasil dos Brasileiros? tel-o ha sido por ventura depois do Fanatissimo Dia 7 de Abril? eu não sei o que a isto se possa responder, quando inda nos tempos de hoje ha gente que se não envergonha dizer que „ *não cre no que vé*.

Ades Sr. Redactor: cuidado com o tópe.
Hum Brasileiro.

ANNUNCIO.

Quem perdeu hum alfinete de peito dirija-se a esta Typographia, onde dando os signaes certos se lhe entregará.